

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



O governo distribui pôsteres de Bolsonaro. Ninguém garante o uso

Proteção fardada

► Os generais estão no governo como avalistas de Bolsonaro. Mas que farão eles se o capitão for engolido por sua própria incompetência?

Jair Bolsonaro, no papel de presidente da República, mantém-se como sempre foi: alguém disposto a botar fogo em gasolina. Desajuizado, reativou as “comemorações” nos quartéis, no dia 31 de março, do golpe que derrubou João Goulart em 1964. A regra vale a partir de agora, caso não surjam outras interrupções.

Tudo começou então com um golpe cruel e de longa duração. Dilma Rousseff foi uma das vítimas da selvageria, ocorrida nos anos 70, quando estava presa e sob tortura como tantos outros. Ao chegar à Presidência décadas depois, ela decidiu terminar com as fanfarras nos quartéis no dia em que lá se homenageava a tragédia.

E, mais, cancelou em cima da hora uma palestra a ser realizada dia 31 de março de 2011. Seria da lavra do diretor do Departamento de Ciência e Tecnologia sobre “A contrarrevolução que salvou o Brasil”. O orador haveria de ser o general de Exército Augusto Heleno. Esse mesmo que hoje ocupa o Gabinete de Segurança Institucional no governo de Bolsonaro.

Não havia, porém, desforra na decisão: o objetivo de Dilma era o de retornar com a história ao seu devido lugar. E assim se fez. Suspendeu a data da celebração, em nome da democracia,

Bolsonaro, agora, recoloca seu trem nos trilhos. Obviamente, ele nega o golpe. O porta-voz do presidente, general Otávio do Rego Barros, tenta explicar o inexplicável. Diz ele em pregação suspeito: “A sociedade, reunida e percebendo o perigo que o País estava vivendo naquele momento, juntaram-se civis e militares e conseguimos recuperar e recolocar o nosso país em um rumo...”

Uma olhada rápida na história republicana do País não deixa dúvidas sobre a origem inextinguível da ameaça: os militares estão sempre prontos a soltar seus tanques, donos de um poder inimaginável em um Estado Democrático de Direito. Após o Estado Novo impuseram na Presidência o general Eurico Gaspar Dutra. Depois, regozijaram-se com o suicídio de Vargas, presidente democrático. JK resistiu à pressão fardada, Jânio renunciou e Jango foi defenestrado. Nasceu aí a ditadura que durou 21 anos.

No governo Bolsonaro, os generais funcionam como avalistas e protetores, significam a garantia do poder, a despeito do contraponto do vice Mourão. Mas, se o capitão for tragado por sua própria incompetência, que farão os estrelados? Vale lembrar, de passagem, que o ideólogo da revolução bolsonarista, Olavo de Carvalho, considera Mourão um parvo. •



General, Dilma pretendia apenas repor a história no lugar devido

ANTONIO CRUZ/ABR. GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E FCO. BARROSO



João Doria aposta em si mesmo

Fim dos tucanos?

Vem aí a tão esperada implosão do PSDB. O governador de São Paulo, João Doria Junior, articula toda a aglutinação e, claro, a separação. Ele tem conversado, à esquerda, para se entrosar mais com o mundo político.

Se não houver mudança de nome, o novo partido de Doria deverá se chamar "Cidadania".

Efeito do golpe

Michel Temer, o 37º presidente do Brasil, após 17 meses de governo surrupiado, entre agosto de 2016 e janeiro de 2019, não fez pesquisa.

Poucos se importam com isto. Talvez os pesquisadores também.

Inquietação militar

Nem todos os militares estão quietos com a entrega pelo governo brasileiro da Base de Alcântara aos EUA.

Calam, mas não gostaram.

A força da legenda

Há quem ande atrás do ex-deputado Roberto Jefferson, presidente do PTB, velha legenda criada, nos anos 50, por Getúlio Vargas. Ivete Vargas, após a morte de Getúlio, com o

qual tinha parentesco, assumiu a direção do partido como presente da ditadura, com a reforma partidária do fim de 1979 excogitada pelo chefe da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva, para não entregar a legenda a Leonel Brizola, legítimo herdeiro da liderança. Outro grande petebista, Jango Goulart, derubado pelo golpe de 1964, morreu em circunstâncias misteriosas. No dia 31, completaria 100 anos.



Um foi derrubado, o outro foi tungado

Esvaziamento

Está desaparecendo aos poucos, em Curitiba, a presença dos adesivos nas traseiras dos carros. No apogeu de sua aparição, estes "enfeites" anunciavam "Apoio à Lava Jato".

mauriciodias@cartacapital.com.br